

OS DESTINOS ROMANOS: UM OLHAR SOBRE TITO LÍVIO¹

Shyrlaine Costa Querino²

Resumo: O presente artigo faz uma reflexão das ideias de destino existentes no mundo romano e demarcadas na *Ab Urbe Condita Libri* (História de Roma), do autor latino Tito Lívio, escrito durante o principado de Augusto que, embora sem o patrocínio do governo romano, atende ao projeto político de Otávio. Neste sentido, o artigo busca *os sentidos de destino*³ presente no mundo grego com o objetivo de entender as representações utilizadas por Lívio para moralizar a sociedade e justificar vitórias e derrotas de seu povo.

Palavras-Chave: Historiografia antiga, História de Roma, Ideias de destino.

Acerca do destino, tanto na atual sociedade, quanto na antiguidade romana, se percebe um comportamento de inquietude, ansiedade e angústia na busca de desvendar o futuro, seja este do indivíduo ou de alguém próximo. Na Roma antiga também é perceptível a ânsia por saber o que o destino reserva, nesse sentido, não só questões profissionais e amorosas, como ocorrem atualmente, mas, principalmente, as questões políticas. Estas eram fortemente marcadas e determinadas pelas profecias dos augures, sacerdotes e oráculos. Porém, não podemos enquadrar o destino no mundo antigo aos nossos moldes ou, o que seria ainda pior, fazer um estudo do tema tomando como ponto de partida os conceitos contemporâneos, pois o destino, bem como, as noções de tempo e mundo, são compreendidos de forma distinta nesses períodos.

O historiador latino do século I a.C., Titus Lívius, provinciano da cidade de Pádua, local onde se mantinha o culto às antigas virtudes de Roma, ao que tudo indica, iniciou a escrita de sua História de Roma por volta do ano 27 ou 25 a.C., e teve como objetivo maior o de narrar os feitos do povo que, para ele, seria o maior do mundo. Acreditava ser esta uma missão da qual não poderia se desviar. Nesse intento, toma com

¹ Este artigo é o resultado de monografia de conclusão de curso, intitulada: As representações do destino nas tramas livianas, apresentada à Unidade Acadêmica de História e Geografia da Universidade Federal de Campina Grande. A pesquisa contou com a orientação da professora Dr^a Marinalva Vilar de Lima.

² Licenciada em História pela Universidade Federal de Campina Grande, atualmente cursando pós-graduação em História e Geografia da Paraíba pela FIP (Faculdades Integradas de Patos). E-mail: <shyrlainepoc@hotmail.com>.

³ A esse respeito usamos como base os conceitos de destino e fatalidade presentes na obra de Freire, para quem a tragédia nem sempre está fadada a um destino trágico, como concebemos. Procuramos analisar tais conceitos sem a nossa concepção, uma vez que, em muito nos distanciamos dos valores antigos.

ponto de partida para sua escrita a fundação de Roma, em 753. A.C., e estende-se até o começo do século I d.C.

O cunho moralizante, as concepções religiosas e as ideias de Destino são os fios condutores que nos foi possível observar no centro da trama elaborada por Lívio para dar sua contribuição historiográfica à sua tão amada Roma. Desse modo, os acontecimentos políticos, belicosos, públicos e privados são cuidadosamente alinhados pelo historiador na teia maior que é o Destino de Roma.

Nesse sentido, se faz necessário que iniciemos a discussão sobre *Destino* na Grécia e não diretamente em Roma, pois a influência helênica no mundo romano ultrapassa as artes e chega até a poesia e ao teatro. De acordo com a mentalidade grega, repleta de tradições, mitos e grande influência dos deuses, o destino é personificado pelas Moiras, que, de acordo com Isidoro Pereira (ISIDORO, 1998:377), representa uma parte que é justa para cada um e não há espaço para modificações na ordem do destino.

Porém, de acordo com Luis A. P. Victoria (VICTORIA, 2000:36), que faz uma análise mais profunda, existe um conceito tradicional e antropomórfico, pelo qual, há dois nascimentos para as Moiras e cada um deles é responsável pelo caráter do destino por elas definido, que, no final, acaba por ser direcionado, tanto aos homens quanto aos deuses. Na primeira versão de nascimento, as Moiras são filhas da noite com o Kháos e têm como características a falta de compaixão, a presença da dor e a inflexibilidade, pois são frutos de uma “divisão” e, além de serem cegas, são também fiandeiras dos dias e, inclusive, da morte.

Na segunda versão, as Moiras são filhas da deusa Thémis com Zeus, por isso, possuem como característica a benevolência, a justiça e a severidade na punição dos delitos. Mas, pelo fato delas serem resultado de um amor, deixam de ser cegas e a fatalidade não é tida como algo sempre presente, como ocorre com as filhas da noite, e para elas, a justiça funciona como um equilíbrio da fatalidade. Neste sentido, o destino não é algo que se encontra completamente feito e acabado, ele está marcado, mas pode ir sendo construído por aquele que o recebeu.

A importância de se buscar no mundo grego esta concepção de destino se justifica pela grande influência que os autores, as crenças e heróis gregos vão fazer na sociedade, na produção literária e, conseqüentemente, na ideologia romana. Como exemplo disso, podemos mencionar o próprio Tito Lívio, pois este se utiliza do herói troiano Enéias, mostrando que sua fuga de Tróia para a Península Itálica não é algo

vergonhoso ou punitivo. Ao contrário, deve ser visto como um instrumento do cumprimento de seu destino, e assim, em terras laurentinas, fundar uma nação poderosa que posteriormente tornou possível a fundação de Roma.

No que se refere à força indelével do destino no mundo grego, o pesquisador E. J. Burckhardt (FREIRE, 1969:67), para quem o pensamento grego é fatalista, reduzido à *fé na fatalidade da Moira* - uma tragédia grega onde se pode perceber essa ação do destino e da fatalidade, é em Édipo Rei, de Sófocles, que o Destino mostra toda a sua tirania, ao vencer as barreiras colocadas pelos homens na tentativa de evitar uma tragédia familiar.

Nesse sentido, em Tito Lívio, vemos do livro I ao VIII, que esse tipo de atuação do Destino se apregoa aos que, de certo modo, impedem o engrandecimento de Roma. Essa ideia de destino se relaciona ao conceito filosófico de fatalidade derivado do termo *Ἐἶρω(Eíro)*, como *fatum*, direcionado às determinações dos deuses, sendo assim, imutável e, por isso mesmo, utilizado por Lívio para legitimar o Destino de Roma. Portanto, todos os que se opuserem ao curso normal dos acontecimentos são violentamente sentenciados por um destino menor. Todavia, não se pode dizer que esta é a única vertente a ser percebida.

O objetivo moralizante de Lívio fazia parte do contexto em que ele vivia. Seu fascínio em relação a Roma, onde foi morar, provavelmente aos vinte anos de idade, seu deslumbramento com os monumentos, a população, os hábitos sociais, e a própria educação respaldada em ensinamentos gregos, com grande influência estoíca (GRIMAL, 1997:46), assim como a postura de Augusto, príncipe de Roma no período em que Lívio escreveu a História de Roma, ao patrocinar um grupo literário supervisionado por Mecenas com o objetivo de criar vínculos entre a origem romana e o povo grego, personificando o poder divino na pessoa do imperador. Todo este cenário fez com que Lívio, mesmo não sendo financiado pelo governo, seguisse as vontades de Augusto.

A produção literária atende, portanto, a necessidade de ambos de justificar o destino de Roma, sua origem predestinada pelos deuses e sua ligação com a Grécia, como já foi mencionado. Comungam também de uma visão que aponta como causador dos problemas sociais o abandono às tradições e aos ritos.

Como solução para o problema, Augusto junto a seu amigo Mecenas, aristocrata e poeta, reúne no Império um grupo de poetas que são tutelados pelo Estado para que estes possam se dedicar apenas à árdua tarefa de escrever. Entre estes

estava Virgílio, autor da Eneida - obra que muito interessava a Augusto, pois via neste a possibilidade de ajudá-lo a reorganizar o poder e reunificar o império. Em Eneida, Virgílio buscava fazer uma ligação entre Roma Imperial e seu passado prestigioso no mundo helênico, ao qual, estava ligada pela mitologia, origem e cultura comuns, justificando tal ligação com as figuras de Enéias e Evandro, já que ambos lutaram contra bárbaros, um na Grécia e o outro em Roma, e tem em comum a civilização, a ordem, o sentido das leis e a devoção.

Outro autor tutelado pelo Estado que contribuiu com o empreendimento moralizador de Augusto foi Horácio, que abordou a questão da obrigatoriedade do casamento e procriação dos senadores, além dos jogos seculares abordados na obra Diana e Apolo. A poesia era vista por Augusto e Mecenas como uma forte arma para persuadir as pessoas e incutir nelas sentimentos de busca por um passado engrandecedor, pela volta às tradições e, principalmente, por acalmar os ânimos vendo na pessoa de Augusto aquele que estava destinado a salvar Roma daquele momento de “caos”.

Sendo assim, ao buscarmos na narrativa de Lívio algo que nos mostre a influência do *Destino* em Roma, encontramos uma fonte fértil de pesquisa, pois desde o início da obra, as tramas traçadas pelo *Destino* se mostram decisivas para os acontecimentos, sendo guiadas pelas vontades dos deuses que, mesmo antes da fundação de Roma, já davam sinais de sua vontade em relação àquela que seria não apenas uma cidade bela, mas a capital do mundo, a mais poderosa e superior em relação a todas as outras cidades.

Lívio deixa esta predestinação de grandeza de Roma explicitar quando toma como referência a origem dos gêmeos Rômulo e Remo, que tem a paternidade reclamada ao deus Marte e a maternidade atribuída à vestal Silvia Réia. Ao nascerem são jogados no rio Tibre a mando do tio Amúlio, porque, ao tomar o poder com sua sequência de crimes, Amúlio não queria perdê-lo para os gêmeos.

Mas o fato de que o *Destino* não pode ser detido, nem mesmo por um rei, as crianças foram salvas e o curso do *Destino* foi seguido de modo que fosse realizado tudo que estava marcado. Sendo assim, quando adultos, Remo foi preso e Rômulo sabendo da verdade, segue junto com pastores a Numitor que o ajuda, Rômulo mata Amúlio e devolve o trono a seu verdadeiro dono. Numitor, saindo de Alba, já acompanhado de uma multidão de latinos e albanos, vão para o lugar onde haviam sido expostos com o propósito de fundar Roma e assim se cumprir a vontade divina.

No que se refere à percepção do *Destino* nas tramas livianas, este se apresenta como já predestinado à eternidade, à grandiosidade e à superioridade, e está atrelado a um emaranhado de destinos menores e individuais, que podem ou não interferir no futuro de Roma, como também, tem a possibilidade de seguir para um fim digno e virtuoso ou desastroso. A esses destinos correlatos o conceito filosófico *Ἐσμός*, (*Eirmós*) designa a cadeia de causas que seguem até um efeito, ou seja, o que é determinado pelos atos individuais.

Sendo assim, o *Destino* de Roma, já arquitetado para ser esplendoroso, grandioso e conduzido para a imortalidade, encontra-se acima do *Destino* dos demais e, por isso mesmo, algo impossível de ser detido. Desse modo toda e qualquer atitude tomada para garantir tal fim é respeitada e até mesmo perdoada, isso se confirma, dentre outras passagens, na atitude de Rômulo perante seu irmão, a quem, de acordo com uma das hipóteses, mata-o em meio a uma discussão para tomar para si o poder, anulando, com este ato, o critério de diferença de idade.

[...] Dizem ter sido Remo quem viu aparecer o primeiro augure: seis abutres. Já o haviam assassinado quando o dobro se apresentou a Rômulo... A cólera transformou a discussão em sangrento combate e em meio ao tumulto Remo caiu ferido mortalmente [...] (*LIVIO, 1997:25*).

Ainda que Augusto demonstre patriotismo exacerbado na *Res Gestae*,⁴ isso não se apresenta como fato verdadeiro, já que o interesse impulsionador dessa manobra era fazer valer o testamento de César. Nessa empreitada, Augusto conseguiu atrair o apoio, tanto dos pertencentes ao exército, outrora liderados pelo próprio deus, quanto da população. Em meio ao imaginário religioso e ao misticismo que envolvia a aproximação da passagem do século, esses feitos de Octávio realmente serviam para atribuir-lhe um caráter divinizado, o que encantou também Lívio, que, embora fosse republicano, apoiou o governo de Augusto.

A inquietação social em relação à chegada de um novo século se mostrava ainda mais expressiva e evidente com a sucessão de acontecimentos políticos. Tanto que isto se personificava na cunhagem de moedas feitas a partir de consultas a astrólogos e astrônomos.

Essa crença milenar⁵ se difere da que temos hoje em dia, tanto na contagem cronológica do tempo quanto no imaginário, o término de cada século (*saeculum*) é marcado não pela contagem do tempo, mas por uma série de acontecimentos e dos jogos seculares, podendo ultrapassar os cem anos correspondentes a cada século. A paz entre Antônio e Octávio, algo que ocasionou muita violência e conflito interno, foi vista como um aviso de que esse novo século se aproximava de modo auspicioso. Todo esse imaginário milenarista encontrou em Lívio lugar de repercussão e foi útil em seu laborioso empreendimento moralizante.

[...] Na medida em que Antônio representava uma ameaça de monarquia «à oriental», o «tribunato perpetuo» de Octávio surgiu como uma garantia contra a tirania e, ao mesmo tempo, contra a preponderância da oligarquia (GRIMAL, 1993: 49).

Desta feita, nem a opinião pública, e tampouco Lívio, poderiam se opor a um governo tão promissor quanto esse, ainda que, no íntimo do povo, toda e qualquer forma de monarquia fosse repelida. O que foi habilmente engendrado por Augusto.

Os conflitos só foram terminados com a derrota definitiva de Antônio, em 30 a.C., e com a anexação do Egito, marcando assim o início de um tempo de paz. Em 31 a.C a vitória definitiva sobre Antônio foi atribuída a Apolo, isso porque, no Ácio, em ocasião da guerra, estava sendo construído um templo em homenagem ao deus, o que denota o enlace existente entre política e religião. Na verdade, a vontade decisiva dos deuses em acontecimentos puramente humanos, o que é uma característica frequente na escrita liviana.

Por esse aspecto podemos entender melhor a relação do historiador republicano com o *princeps*, uma vez que este, revestido de poder divino e se mostrando guardião da moral e dos bons costumes, se aproximava do modelo de governante desejado por Lívio e preconizado pelos anseios populares e profecias religiosas.

[...] Augusto apresentava-se, pois, e por sua vontade não só como guia dessa vontade, mas como protetor de todos... As honras concedidas a César (o pai adotivo) haviam feito do ditador morto um verdadeiro deus. *Diui filius* (filho de um ser divino), Augusto não podia deixar, também ele, de ser considerado possuidor de uma natureza divina [...] (GRIMAL, 1993: 58).

⁵ De acordo com Carcopino, ao trabalhar as questões da origem pitagórica e as arte augural etrusca Apud Grimal, Pierre. *O século de Augusto*. 1997, op.cit., p. 30-31.

Tanto que, nem mesmo o fato de Octavio reacender a guerra civil, fez deste um cidadão menos quisto, pois as guerras cessaram e todo o imaginário de paz também apreendido nos livros Silibinos e na *Écloga* de Virgílio, puderam ser concretizados. O poeta Virgílio, com cidadania romana, adquirida ainda durante o governo de César, ao que tudo indica, cantava uma personagem mítica, Dáfnis, um deus que zelava pela paz e era compassivo, *o bom Dáfnis desempenharia o papel de Júpiter Capitolino, que há muitos anos parecia desinteressar-se de seu povo. Com o divus Iulus seria concluída uma nova aliança entre Roma e as divindade.* (GRIMAL, 1997: 43).

A divinização relacionada à *gens* de César, o novo deus e protetor de Roma, se remete ao seu sucessor. Este posteriormente foi enaltecido por Virgílio nas IV e V *Éclogas*, como um deus, graças à morte e divindade de César e à vinda de um tempo de paz, do século de ouro (GRIMAL, 1997: 57), ocasionado graças à paz entre os herdeiros de César, Antônio e Octávio.

Tal fato não se deve apenas à filiação de Augusto, mas especialmente, como gratidão do poeta para com o governante, por intervir favoravelmente em uma querela jurídica que culminou com o restabelecimento da posse de uma propriedade em Mântua.

Para atingir seu objetivo de fazer uma história de Roma desde as razões de sua origem e, atrelado a isso, mostrar a importância das práticas de ritos e tradições que garantiram a grandiosidade da cidade, Lívio segue por toda a narrativa mostrando o trajeto das pessoas e o desenrolar de suas vidas, que poderá ter um fim trágico dependendo de seus atos. Ao tomar como exemplo aqueles que chegam ao poder, destaca a desventura dos que, para atingir tal patamar, lançam mão de meios ilícitos. Neste sentido, um dos escolhidos pelo autor no primeiro livro é Méteo Fufécio, que trai Roma em momento de batalha se retirando com suas tropas e rompendo, com essa atitude, um acordo sagrado selado entre romanos e sabinos, o que lhe rendeu uma severa e desumana punição por atentar contra Roma, tendo o seu corpo dilacerado por carros guiados em sentidos opostos, em um dantesco e desastroso fim. Por outro lado, aqueles que chegam ao poder sem usar de meios ardilosos e tem, em sua conduta, atitudes firmes e justas, são conduzidos a um fim honroso, podendo, inclusive, ser elevado ao título de divindade, como ocorreu com Rômulo, que matou o irmão para chegar ao poder, mas sua atitude foi considerada como meio de garantir a Roma seu engrandecimento e expansão. Atitudes brutais feitas em prol do bem estar e ascensão de Roma são perdoadas e exemplos dessa anistia são encontrados na narrativa durante o

primeiro livro (LIVIO, 1989: 59). Desse modo Rômulo, após sua morte, passou a ser imortalizado e divinizado chegando, inclusive, a fazer uma aparição para profetizar o destino de sua amada cidade como sendo “A capital do mundo”.

Com essas histórias individuais, Tito Lívio vai construindo uma trajetória de fatos que esclarecem bem a sentença dada àqueles que se colocam contra Roma e àqueles que zelam por ela como a si mesmos, ou até mais que a eles próprios, uma vez que o destino da cidade estava acima de qualquer um. Uma passagem interessante que reforça a idéia de colocar os interesses da cidade acima dos próprios, tomada pelo autor como exemplo a ser seguido, e que justifica possíveis falta de conduta ou atitude que atente contra as leis vigentes, temos a luta entre os trigêmeos Horácios e Curiácios, onde os primeiros representavam Roma e os outros, Alba. Com a vitória de Horácio e sendo o único sobrevivente da disputa, ao chegar em Roma, surpreendeu-se com o desespero da irmã que mostrou apego apenas ao noivo, um dos Curiácios, morto pelo irmão. Essa atitude lhe causou ira e este mata a irmã. Esse crime é enquadrado como sendo contra o Estado e, sendo assim, teve negado o direito de defesa. Mas o ato libertador dá a Horácio o perdão pelo assassinato de sua irmã, uma vez que, graças a ele, Roma encontrava-se liberta do perigo e mantém-se seguindo seu trajeto majestoso, mas é claro que Horácio contou com uma defesa bem argumentada proferida por seu Pai, de modo que não poderia ser negado o perdão.

No entanto, não podemos tomar como verdadeiros todos os fatos abordados por Lívio, isto porque o autor, para conseguir atingir os objetivos moralizadores em seus leitores, destaca, de forma enaltecida, alguns fatos, e deixa à margem outros que poderiam ser mais preciosos. Outros fatos que rendem críticas ao autor latino é a utilização de fontes, em geral, obras feitas por outros autores e não por originais, além de não verificar a autenticidade do que pesquisa ou não ser crítico em relação a esse material de pesquisa. De todo modo, isso não deve ser motivo para que tiremos os méritos do autor. Antes, porém, devemos levar em consideração o fato do autor está inserido em uma sociedade diferente e distante, o que implica contar com valores e formação intelectuais distintos do nosso modo de viver, bem como sua origem provinciana de educação rigidamente religiosa, a qual, não é modificada pelo seu convívio em Roma, cidade que lhe acolheu ainda muito jovem e de onde poucas vezes saiu, fatores que servem como base norteadora da escrita historiográfica do autor.

Retomando o diálogo em relação ao *Destino* nas narrativas levianas, além deste tomar as atitudes como sendo fator decisivo para o desfecho de uma vida, ou até

mais, caso estejam ligados à trama principal, para a produção do destino de Roma há ainda outro fator que também se encontra nas questões encaminhadoras do *Destino*, o aspecto religioso e o culto às divindades, assim como a visita aos áugures é algo sempre presente na vida do cidadão romano. A busca pela interpretação dos sinais divinos e da vontade dos deuses é uma preocupação que não se relaciona apenas aos deuses nacionais, mas também aos deuses estrangeiros incorporados ao culto romano. Na busca por respostas relacionadas com o futuro (*Destino*) todos, inclusive (e principalmente) os líderes, sejam estes na monarquia ou em outro regime político, iam a sacerdotes, áugures ou oráculos para obter repostas, sejam nas víceras de animais ou em sinais e sonhos enviados pelos deuses para anunciar seus desejos, mas isso não significa que outras pessoas não podiam entender tais avisos.

Em muitos casos, o *Destino* da cidade está relacionado ao daquele que a governa, porém, não significa dizer que ocorra mudança no trajeto a ser seguido por Roma. Para mostrar esta relação, Tito Lívio faz um relato das sucessões ocorridas em Roma até o fim da monarquia, onde podemos identificar, em uma família, vários dos aspectos levantados por Lívio como sendo causadores da desordem social, entre eles está o luxo e ganância pelo poder, tais sentimentos não exultam nem mesmo os laços paternos.

[...] acredita-se ter sido Tulia a instigadora do golpe, pois seus crimes anteriores não afastam essa hipótese.. Consta como certo que ela foi ao fórum num carpento e, sem se intimidar com a multidão... o cocheiro se deteve apavorado, puxou os freios da viatura e mostrou à senhora o corpo mutilado de Sérvio estendido no chão... Túlia, fora de si, impelida pelas fúrias vingadoras da irmã e do marido, mandou passar o carro sobre o cadáver de seu pai (LIVIO, 1989: 86).

Desse modo Lívio mostra que o luxo e a ganância, entre outros sentimentos menores, são capazes de causar danos irreparáveis, e especialmente mais severos, aos portadores de tais sentimentos, pois, sem dúvida nenhuma, seriam punidos pelo destino e pelos deuses vingadores. No caso em citação, Túlia foi expulsa de Roma junto com toda a família, o filho Sexto Tarquínio foi assassinado, não por atos de seus pais, mais por seus próprios atos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CORDÃO, Michelly Pereira de Souza. *Olhares sobre a Historiografia Antiga: Diálogos com Tito Lívio*. Campina Grande: UFCG, 2007 (Monografia de graduação).
- DUJOVNE, León. *El pensamiento histórico em la antigüedad grecoromana*. In: La filosofía de la historia en la Antigüedad y em La Edad Media. Buenos Aires-Argentina: Galatea – Nueva Visión, 1958.
- FREIRE, S. J. Antônio. *Conceito de Moira na tragédia grega*. Braga: Livraria Cruz, 1969.
- Grimal, Pierre. *O século de Augusto*. Trad.: Rui Miguel O. Duarte. Lisboa: Edições 70, 1997.
- GRIMAL, Pierre. *O Império Romano*. Trad.: Isabel de Saint-Aubyn. Lisboa: Edições 70, 1993.
- GRIMAL, Pierre. *A civilização romana*. Trad.: Isabel St. Aubyn Lisboa: Edições 70, 1993.
- LÍVIO, Tito. *História de Roma- ab urbe condita libri (vols. I e II)*. Trad.: Paulo Matos Peixoto. São Paulo: Paumape, 1989.
- SAMPAIO, Giuseppe Mallmann de. *MOÏRAI: O destino no mito grego*. In: LIMA, Marinalva Vilar de. *Ensaio em Estudos Clássicos*, Campina Grande – PB: EDUFCG, 2006.